

INVÁLIDOS do COMÉRCIO

CRECHE JOÃO KATZ

PROJETO EDUCATIVO

2017

Índice

1. Introdução.....	2
2. História da Instituição Inválidos do Comércio.....	3
3. A Creche João Katz	7
3.1. A história da creche.....	7
3.2. Caracterização da creche	8
3.2.1. Meio envolvente	8
3.2.2. Caracterização física.....	9
3.2.3. Caracterização humana.....	10
4. A Pedagogia da Creche.....	11
4.1. A creche e a criança.....	11
4.2. Prática pedagógica e metodologia.....	13
4.3. Relação creche / família	14
4.4. A creche e o meio envolvente.....	17
4.5. A avaliação	18

1. Introdução

Um Projeto Educativo assume-se como um documento orientador que define e sistematiza as metas e os objetivos que se pretendem atingir num determinado contexto educativo. Concebido a partir de uma análise cuidada e rigorosa da realidade em que se insere, este documento assume-se como um referencial de ação que se consubstancia, de forma mais normativa, no Regulamento Interno da creche, no Plano Anual de Atividades e nos Projetos Curriculares de Sala, desenvolvidos pelas educadoras de infância e dirigidos concretamente ao seu grupo de crianças. Existe, deste modo, uma coerência entre todos os documentos orientadores da creche.

A implementação do Projeto Educativo processa-se através de um trabalho em parceria, onde todos os elementos da equipa educativa (Direção Técnica, Coordenação Pedagógica, Educadoras de Infância, Administrativo, Ajudantes de Ação Educativa, Encarregados de Educação) assumem um compromisso de colaboração em prol do bem-estar e do desenvolvimento harmonioso da criança.

Por se tratar de um instrumento dinâmico, o Projeto Educativo da Creche João Katz funciona como uma estratégia que permite delinear todo o processo de desenvolvimento e crescimento da criança, conduzindo à prestação de um serviço de qualidade a todos os níveis.

A metodologia utilizada para a construção deste Projeto foi a do trabalho em equipa, envolvendo todos os agentes da creche. A estrutura do documento foi definida pelo grupo de educadoras com a coordenadora pedagógica e as tarefas foram divididas por todos os funcionários da creche. Foi também realizado um inquérito de resposta aberta aos pais e encarregados de educação, com o objetivo de conhecer o que os pais mais valorizam e ajudar a orientar as linhas do Projeto Educativo e da ação da creche. Os resultados deste inquérito são apresentados em documento anexo.

Assim que nasce, o bebé inicia o seu processo de exploração e conhecimento do mundo, necessitando para isso de relações e vínculos afetivos que lhe transmitam segurança. Para que este processo ocorra, e a criança desenvolva todas as potencialidades de forma global e equilibrada, despertando assim a sua curiosidade e pensamento crítico, é essencial o estabelecimento de um vínculo afetivo coeso e seguro com a criança e com a família.

Afetividade, conforto, bem-estar e segurança são as linhas gerais deste projeto educativo, centrando a sua intervenção no equilíbrio físico, emocional e cognitivo da criança.

2. História da Instituição Inválidos do Comércio

A instituição Inválidos do Comércio foi fundada em 10 de Abril de 1929, data em que a Assembleia de Fundadores aprova os estatutos. Os Inválidos do Comércio viriam a revelar-se uma das associações de solidariedade, de cariz particular, de maior longevidade e com destacada importância na ação social em Portugal. Sendo percussora de princípios que valorizavam a humanização e a personalidade daqueles que apoiava, esta instituição foi um exemplo nos primórdios da época do Estado Novo e mantém-se até aos nossos dias como uma das mais importantes associações do género em Portugal.

Iniciou a sua atividade com vocação para “internato de assistência particular”, numa casa arrendada no Paço do Lumiar (a Quinta do Paço), onde atualmente funciona a secção infantil do Colégio de Manuel Bernardes. Em 1930 já acolhia 20 idosos e rapidamente alargou a sua atividade a orfanato, cozinha social e apoio pecuniário a desempregados do comércio. Em 1934 eram 48 os internados, o orfanato tinha 4 pupilas e a cozinha fornecia 300 refeições diárias para o exterior.

Sem quaisquer apoios do Estado, a atividade era custeada pelas quotas dos associados e, principalmente, por um grande esforço de propaganda e de angariação de fundos que desde o início decorria sob a direção de uma comissão de propaganda. Foram criadas delegações por todo o país e nas colónias e, em 1932, o fundador Alexandre Ferreira considerava existirem mais de 100 delegações.

Até à década de 70 todas as obras foram suportadas por donativos de beneméritos e por fundos recolhidos pelas ações de propaganda que incluíam a realização de grandes sorteios, com venda de senhas por todo o país. Estas ações contribuíam para a divulgação dos Inválidos do Comércio.

Em 1935 era notória a exiguidade das instalações para fazer face às necessidades. Decidiu-se então a aquisição da Quinta do Outeiro, onde agora está instalada a Casa de Repouso Alexandre Ferreira (CRAF). Nesta altura a instituição era liderada por Alexandre Ferreira, o grande impulsionador dos Inválidos do Comércio e atual patrono, que presidiu à Direção desde a fundação até 1950.

Numa época de grandes nomes da arquitetura e com obras de grande vulto, tornava-se necessário recorrer a arquitetos de renome nacional para garantir o modernismo que se desejava imprimir nas novas instalações. Dando cumprimento a esse desejo, foi aberto um concurso em 1936 para apresentação de projetos que foram expostos na Sociedade Nacional de Belas Artes, sendo os arquitetos Tertuliano de Lacerda Marques e Luís Cristino da Silva os vencedores.

Em 31 de Março de 1938 foi inaugurada a Casa de Repouso na Quinta do Outeiro, sendo a primeira fase de obras concluída em 1941.

Nos anos seguintes acentuou-se a preocupação com a exploração agrícola da quinta como meio de apoio à economia da associação e melhorias na instituição.

Em finais de 1943 abre as portas o edifício dos “Serviços Clínicos Manuel António Dias Ferreira”, reservado aos doentes e, em 1946, num edifício na Estrada do Desvio, é instalada a Secção Feminina, pioneira na sua qualidade. Na quinta, dá-se então início à construção do novo edifício, prolongamento do então existente, com capacidade para instalar 224 utentes. Os Inválidos do Comércio atravessavam assim a sua melhor fase. A sala de jantar surge com mesas para quatro pessoas, recheada de objetos maravilhosos que acabavam com o estilo pobre e doente que era típico nos asilos e albergues. A cozinha foi equipada com o mais moderno equipamento. A sala de visitas e a sala de estar eram um prolongamento do conforto e do luxo desta unidade de solidariedade social. A barbearia foi referenciada como tendo cadeiras giratórias e grandes espelhos de cristal. Do mesmo modo, destacavam-se as restantes áreas como sanitários, com novos balneários e chuveiros. Utentes e visitantes ficavam maravilhados com todo o requinte exposto ao alcance de todos.

A cultura sempre foi muito importante para os utentes, e assim é criada uma biblioteca, composta com cerca de 2000 volumes.

Em 1948 o número de utentes homens era 146, na secção feminina havia 15 mulheres e o orfanato tinha 10 pupilos. Nesse ano registavam-se já 31.570 sócios.

Em 28 de Dezembro de 1952 a Casa de Repouso Feminina passou da Estrada do Desvio para um novo pavilhão da Quinta do Outeiro.

A persistência na afirmação da associação e na qualidade dos serviços que prestava aos seus sócios, levou a um constante aumento do número de associados, logo, houve a necessidade de ampliar as instalações para conseguirem dar todo o auxílio necessário aos utentes carenciados.

Em 1960 estavam registados 42.614 associados e o número de utentes era de 259 homens, 80 mulheres e 22 pupilos (14 rapazes e 8 raparigas). Estes números foram continuando a crescer, registando-se em 1970 um total de 43.733 sócios e 287 utentes.

Na década de 60, com o início da guerra colonial, tornou-se cada vez mais importante a exigência da implementação da atividade social, todavia, as ações de propaganda e recolha de fundos já não eram suficientes face às necessidades. A Direção viu-se obrigada a proceder a diversas operações de venda de património e a pedir apoio à Fundação Calouste Gulbenkian.

Após a revolução de 25 de Abril de 1974, os Inválidos do Comércio sofrem alterações importantes. Relatos dessa época descrevem a Quinta do Outeiro como “(...) uma enorme propriedade de verdes campos, centralizada pela construção residencial e correspondentes serviços de apoio. Pavilhões individuais para homens e mulheres, distribuídos por cem quartos, ao que se sabe desfrutando de todo o conforto, (...) há bonecas sobre a cama, jarras de flores, cestinhos de fruta, fotografias de filhos e netos (...). Modernos quartos de banho e duas salas de convívio, mais uma vez com separação de géneros. Os homens são contemplados com uma sala de jogos, enquanto se destinava uma sala de costura para as senhoras onde se entretinham confeccionando peças de roupa, arranjando os seus próprios fatos, engomando os seus lencinhos. A oferta de serviços inclui uma moderna lavandaria e uma engomadoria.”

Contudo, a situação económica era de crise inegável. As mudanças estruturais da sociedade, que então se verificaram, não deixaram de afetar a Instituição. Aparentemente, tudo continuou a funcionar: não houve saneamentos, dada a autoridade que as Direções possuíam através da sua obra grandiosa e esforçada, e houve continuidade de colaboração com as autoridades oficiais. No entanto, houve alterações profundas na vida institucional. Num primeiro momento, o Estado procurou nacionalizar as Instituições. Esse objetivo não foi conseguido nos Inválidos do Comércio porque o Estado não detinha capacidade para dirigir esta Instituição baseada em voluntariado. Além disso, as instituições nacionalizadas baixavam o nível de qualidade dos serviços prestados.

O salário mínimo nacional subiu para 3.300\$00 e os Inválidos do Comércio não possuíam capacidade para tal aumento dos salários dos trabalhadores. Acresciam as obras que se verificavam na Enfermaria que tiveram de ser paradas, só sendo ativadas mais tarde e com apoio estatal. Com esta situação houve falta de dinheiro até para pagar aos fornecedores.

O ano de 1978 trouxe grandes mudanças estruturais na instituição Inválidos do Comércio. A assistência social, que até aí era apenas destinada à população na área do comércio, passa a estender-se à população não ligada a esta área. A razão subjacente prendeu-se com a integração, nos Inválidos do Comércio, dos Inválidos do Trabalho e do Albergue dos Inválidos do Trabalho, por despacho do Secretário de Estado da Segurança Social, passando a designar-se Casa de Repouso Possidónio da Silva (CRPS). Com 12 000 metros quadrados de terreno próprio, na freguesia dos Prazeres, em Lisboa, ali passaram a residir 115 pessoas (100 homens e 15 mulheres) e a funcionar um Centro de Dia frequentado por cerca de 40 utentes diários. Na Casa de Repouso Alexandre Ferreira residiam 320 utentes. Entretanto terminara o pupilato em regime interno, subsistindo poucos casos a viverem em ambiente familiar.

Iniciou-se assim, uma época de dependência de subsídios do Estado para continuar a cumprir os objetivos estatutários. A Associação não esmoreceu, como tantas outras, devido ao trabalho das Direções e ao esforço dos Associados e porque os seus objetivos e princípios passaram a ser uma mais-valia a nível nacional face à época que se atravessava. Mesmo apoiada pelo Estado, foi sempre uma Instituição independente e isenta. Foram, no entanto, anos difíceis os que se seguiram, sempre na incerteza a nível financeiro. O número de instituições de apoio social aumentava por todo o país e generalizava-se o direito à reforma. Com essas novas condições, o número de novos sócios dos Inválidos do Comércio foi decrescendo e em contrapartida cresciam as necessidades dos sócios existentes. Manter a qualidade da ação social que se desenvolvia obrigou em diversas ocasiões à venda de algum património.

O início da década de 90 do século XX foi marcado por acontecimentos contraditórios. Um violento incêndio, em Setembro de 1991, destruiu parte importante do edifício central e as coberturas. Por outro lado, o prestígio da Instituição permitiu que a campanha de solidariedade, que se gerou para ajudar a restaurar as instalações, se traduzisse num novo fôlego na vida associativa. Donativos e o produto de alienação de bens imóveis vieram possibilitar a execução do projeto obra de “ampliação do refeitório e da lavandaria da CRAF” e a renovação do equipamento básico da instituição. Ainda nesta década deu-se início a uma campanha de obras de reconstrução nas diversas alas que foram denominadas de Fases. A 1ª Fase com inauguração da Ala José Manuel Dias, em 1996, que contemplou a implantação de quartos de rendimento, possibilitando o aumento de proventos da Instituição. As 2ª e 3ª Fases arrancaram ainda nesse mesmo ano e com elas se reformulavam os Serviços Administrativos, Refeitório, Cozinha, Lavandaria, Engomados, Rouparia, Serviço Social e caldeiras de

aquecimento de águas. Em Outubro de 2001 foi desativada a Casa de Repouso Possidónio da Silva devido ao estado de degradação, sendo os seus utentes integrados na Casa de Repouso Alexandre Ferreira. Os Inválidos do Comércio continuaram a sua atividade e o esforço de fazer cada vez mais e melhor. Em 2007 foram inauguradas as obras da 4ª fase, com a construção de um segundo piso em parte do Edifício Central, com quartos duplos com casa de banho; foi remodelado o Salão Nobre (Sala Alexandre Ferreira). Mais recentemente foi remodelada a sala de fisioterapia e foram instalados elevadores para uma mobilidade mais eficiente.

Os Inválidos do Comércio continuam assim a seguir o exemplo dos seus criadores e fundadores. Avançaram passo a passo e com precaução mas, ao mesmo tempo, com um atrevimento que originou esta magnífica instituição, onde os valores, o respeito e o amor pelo Ser Humano são atos observados diariamente.

3. A Creche João Katz

3.1. A história da creche

A vontade da instituição apoiar a infância, tal como apoia a 3ª idade, fez nascer a ideia de construir uma creche. Esta ideia não era de todo nova, pois ajudar outras faixas etárias era algo que esta Instituição já tinha feito em tempos, com verbas e até com internatos, para que os mais necessitados, aos quais chamavam de “Pupilos”, pudessem prosseguir os seus estudos.

O Sr. João Katz, um judeu alemão refugiado da II Guerra Mundial, visitava regularmente um seu amigo que vivia nesta instituição. Assim, presenciava a excelente qualidade do serviço prestado aos seus residentes, com tanta dedicação, entrega e carinho. Pessoa de grande generosidade e altruísmo, sem qualquer interesse pois nunca desta casa usufruiu como utente, e só pelo seu testemunho de qualidade de vida que esta IPSS proporcionava aos seus residentes, deixou em testamento a esta Instituição os seus bens avaliados aproximadamente em de 1 milhão de euros.

A Direção, mostrando assim todo o seu respeito e apreço, e querendo de alguma forma dignificar e enobrecer o feito deste senhor, decidiu atribuir o seu nome João Katz à Creche que foi inaugurada a 13 de Outubro de 2012.

Na preparação da abertura da Creche e nos primeiros três anos de funcionamento, Inválidos do Comércio estabeleceram uma parceria de orientação com a Associação A Voz do Operário, por ser uma Instituição com muitos anos de experiência com crianças e a pela sua boa qualidade de ensino.

Com a construção desta Creche cumpriu-se um dos objetivos previstos nos Estatutos de Inválidos do Comércio e deu-se continuidade ao apoio a crianças e jovens que sempre foi prestado, embora noutros moldes.

Dispõe-se, agora, de um espaço moderno onde os pais podem deixar os seus filhos num local seguro e de boa qualidade.

3.2. Caracterização da creche

3.2.1. Meio envolvente

A Creche João Katz localiza-se na freguesia do Lumiar. É uma freguesia geograficamente afastada do centro da capital, que faz fronteira com as freguesias de Carnide, São Domingos de Benfica, Olivais, Alvalade e Santa Clara.

Segundo os dados da Junta de Freguesia, aqui residem cerca de 45 000 habitantes, sendo que a faixa etária predominante se situa entre os 25 e os 64 anos, sendo que a maioria da população ativa se encontra empregada. Relativamente à população estrangeira a residir na freguesia, corresponde a cerca de 11% da população do Lumiar.

Embora seja uma freguesia mais periférica da cidade, a área envolvente à instituição concentra um grande número de serviços de saúde, cultura e associativismo, desporto, comércio e restauração. O Lumiar é bem servido por transportes públicos, bem como autocarros da carris e da Rodoviária, Metro e táxis.

Relativamente aos equipamentos educativos existentes na freguesia destacam-se algumas instituições de ensino superior, vários agrupamentos de escolas, todos eles abrangendo áreas geográficas pertencentes a outras freguesias para além do Lumiar, e que incluem escolas básicas de todos os ciclos, escolas secundárias e jardins-de-infância.

São também de referir alguns equipamentos de carácter cultural entre os quais dois museus (Museu do Traje e Museu do Teatro), duas academias de música e uma biblioteca municipal (localizada em Telheiras) e a existência de um centro de saúde e de dois Hospitais.

Nas freguesias próximas situam-se outras instituições de interesse, nomeadamente associações desportivas, recreativas e culturais e diversas instituições de ensino privado.

Importa ainda destacar algum património religioso e a existência de alguns espaços verdes, nomeadamente a Quinta das Conchas, o Parque dos Lilazes e o Parque de Santa Clara.

3.2.2. Caracterização física

A Creche está situada na Rua Alexandre Ferreira, nº48-A, dentro da instituição Inválidos do Comércio.

No que respeita à organização e disposição dos espaços da Creche, a mesma é composta por:

- **Duas salas de berçário** (uma tem capacidade para 8 crianças e outra com capacidade para 9 crianças);
- **Duas Salas dos 12 aos 24 meses** com capacidade para 13 crianças (espaços destinados ao desenvolvimento de atividades lúdicas e pedagógicas).
- **Duas salas dos 24 aos 36 meses** com capacidade para 18 crianças (espaços destinados ao desenvolvimento de atividades lúdicas e pedagógicas).
- **Duas instalações sanitárias para as crianças** devidamente equipadas com sanitas, fraldário, chuveiro e lavatórios;
- **Duas salas de arrumos** onde constam vários materiais de uso diário como: bolas, jogos, carros, material de desperdício, entre outros.
- **Copa de leites** onde constam todos os leites em pó e as papas “especiais” usadas pelos bebés;
- **Instalações Sanitárias para adultos;**
- **Instalações Sanitárias para adultos**, adaptada para pessoas portadoras de deficiência e devidamente equipada com sanita, lavatório e chuveiro;
- **Sala de enfermagem;**
- **Sala para arrumar os carrinhos das crianças;**
- **Sala de isolamento** onde existe um berço destinado a acolher as crianças adoentadas;

- **Secretaria/Recepção** onde são feitos os pagamentos de mensalidades bem como inscrições das crianças.
- **Gabinete da Direção Técnica;**
- **Sala de Reuniões;**
- **Sala de Pessoal** - trata-se de um espaço próprio que todo o pessoal poderá utilizar em momentos de repouso como horas de almoço.
- **Refeitório das crianças** destinado aos períodos de alimentação, que também funciona como **Ginásio;**
- **Cozinha** onde é confeccionada toda a alimentação.
- **Dois balneários para funcionários da Creche** onde constam cacifos para guardarem os seus objetos pessoais.

Como **espaço exterior**, a Creche possui dois locais destinados ao recreio das crianças. Um deles é murado em todo o seu perímetro e dispõe de duas zonas, uma delas com piso antiderrapante e amortecedor de quedas, onde se localiza o Centro de Atividades e Equipamento Lúdico (escorrega, baloiços...), sendo a outra área um espaço relvado. O segundo espaço destinado ao recreio das crianças é uma zona de terra, relvado e arborizado.

3.2.3. Caracterização humana

A equipa educativa da creche é composta por cinco Educadores de Infância, sendo que um acumula com a função de Diretor Técnico, oito Ajudantes de Ação Educativa, uma Auxiliar de Limpeza, uma Cozinheira, um Administrativo, um professor de Expressão Musical e um professor de Expressão Físico-Motora.

Não obstante as suas funções específicas, todos os profissionais trabalham em estreita colaboração e parceria.

No ano de 2017 estão inscritas na creche 79 crianças nomeadamente, 17 crianças em duas salas de berçário, 26 crianças em duas salas de 1 ano e 36 crianças em duas salas de 2 anos. Todas as salas estão com a capacidade máxima.

4. A Pedagogia da Creche

4.1. A creche e a criança

A família portuguesa tem sofrido mudanças estruturais influenciadas pela evolução da sociedade nas últimas décadas. A emancipação da mulher e o aumento da idade da reforma levaram as famílias a procurar novas soluções para o cuidado das suas crianças – soluções que possam dar resposta às necessidades e novas exigências fora do ciclo familiar. Muitos pais passaram a optar deixar os seus filhos na creche pela socialização e interação com outras crianças e por ter pessoal especializado, sendo assim muito importante a relação e comunicação entre escola e família. Esta afirmação vai ao encontro dos resultados do inquérito aos pais da Creche João Katz (em anexo). Desta forma, “as creches assumem um papel determinante para a efetiva conciliação entre a vida familiar e profissional das famílias” (Portaria 262/2011, de 31 de Agosto), devendo oferecer às crianças que as frequentam, condições favoráveis ao seu desenvolvimento pleno. Sobretudo se levarmos em conta que “as experiências dos 3 primeiros anos de vida constituem um alicerce para o desenvolvimento futuro”. (Papalia, Olds e Feldman, 2001, p.272).

A primeira infância é uma fase da vida das crianças que envolve mudanças significativas a nível físico, cognitivo e social e por tais motivos é considerada como decisiva no seu processo de crescimento. As experiências ocorridas durante esse período influenciam fortemente a criança e a relação que estabelece com as pessoas que a rodeiam. Por tudo isto, é uma fase de maior vulnerabilidade, que exige todos os cuidados da criança, proteção, segurança, afetividade e um ambiente educativo acolhedor e propício ao desenvolvimento das suas potencialidades.

A creche é um espaço que *oferece* apoio/acompanhamento pedagógico e cuidados a crianças dos 3/4 meses aos 3 anos; um espaço organizado e estruturado para proporcionar várias experiências pedagógicas; um espaço facilitador do desenvolvimento de diferentes capacidades e aptidões e da promoção do sucesso escolar.

De acordo com o Despacho Normativo n.º 99/89 de 27 de Outubro 1989 DR 248/89 – Série I, emitido pelo Ministério do Emprego e da Segurança Social e dos Princípios Gerais da Lei-Quadro da Educação Pré-escolar, os objetivos da Creche são, entre outros:

- Proporcionar o atendimento individualizado das crianças num clima de segurança afetiva e física que contribua para o seu desenvolvimento global;

- Colaborar no despiste de qualquer inadaptação ou deficiência ou precocidade, encaminhando adequadamente as situações detetadas;
- Contribuir para a igualdade de oportunidades;
- Despertar curiosidade e sentido crítico.

A creche é o primeiro contacto, a primeira etapa da educação básica, sendo complementar da ação da família e favorecendo o desenvolvimento equilibrado da criança. Assim sendo, as crianças devem ter um ambiente acolhedor para promover o seu desenvolvimento, porque cada criança é única e tem potencialidades próprias que devem ser respeitadas e encorajadas. Quanto mais a criança “é capaz de fazer, mais é capaz de explorar e, quando mais explora mais aprende e realiza” (Papalia, Old e Feldman, 2001, p.171). Para além disso, as creches devem também proporcionar alegria de viver e a aprendizagem através da brincadeira, outra ideia que surge também nos resultados dos inquéritos (ver anexo).

Por sua vez, a existência de rotinas estáveis nas creches é muito pertinente, não só porque estas constituem um importante auxílio na construção de noções de espaço e tempo, mas também porque a sua natureza previsível permite às crianças desenvolverem sentimentos de segurança e controlo, fazendo-as sentirem-se “livres para desenvolverem as suas próprias formas de fazerem as coisas” (Hohman e Weinart, 2011, p.225).

Acima de tudo, as creches pretendem promover a autonomia, assegurar o bem-estar, a segurança, o desenvolvimento pessoal, emocional, intelectual, moral, psicomotor, cognitivo e da linguagem. Os pais da Creche João Katz também referem estes aspetos como importantes na ação das creches.

Para concluir, importa realçar que os principais ingredientes de uma creche são: o carinho, as alegrias, os afetos, os bons exemplos e a interação entre pares, sendo que “quando existem relações sólidas, empáticas e afetivas, as crianças aprendem a ser mais afetuosas e solidárias e acabam por comunicar os seus sentimentos, refletir nos próprios desejos e desenvolver o seu relacionamento com outras crianças e com os adultos” (Brazelton e Greenspan, 2006, p.29). Por outro lado, é através das brincadeiras que vamos despertar/trabalhar a atenção, o modo de aprendizagem, o relacionamento com o que rodeia a criança e o modo do conhecimento do meio envolvente. “Uma criança que brinca com empenho até se cansar, desenvolver-se-á como um adulto determinado” (Froebel).

4.2. Prática pedagógica e metodologia

A metodologia de trabalho da creche João Katz assenta nos princípios educativos do modelo pedagógico do Movimento da Escola Moderna (MEM), tendo como três grandes finalidades formativas:

- A iniciação a práticas democráticas;
- A reinstituição dos valores e das significações sociais;
- A reconstrução cooperada da cultura. (Niza 2012)

Assim sendo, é importante que sejam respeitadas as características da personalidade de cada criança bem como a sua evolução, pois são fatores importantes para o desenvolvimento da autonomia, responsabilidade, espírito crítico promovendo assim o desenvolvimento da cidadania democrática de cada indivíduo.

“Toda a criança se desenvolve ao seu próprio ritmo ” Ferland, (2006, p.30)

A fim de apoiar a responsabilidade pela aprendizagem e a vida do grupo e ajudarem o educador e crianças na organização na sala, o MEM apresenta alguns instrumentos de pilotagem que “baseiam-se na conceção de que ao documentar a vida do grupo, estes instrumentos ajudam o educador e as crianças a orientar/regular (planear/avaliar) o que acontece (individualmente e em grupo) na sala”. Folque (2012, p.55) Alguns destes instrumentos são o mapa de aniversários, mapa de presenças, mapa do tempo, mapa de atividades, mapa de tarefas, etc. Mais importante do que a enumeração destes instrumentos, é a forma como cada educador os utiliza com as crianças, de maneira a que façam sentido para todos e cumpram os objetivos pretendidos.

O MEM vê na escola um espaço privilegiado para a iniciação às práticas de cooperação e de solidariedade de uma vida democrática. No ambiente escolar o educador e as crianças organizam o espaço e os materiais de modo a criar um meio facilitador da aquisição de conhecimentos bem como da criação de relações e integração entre todos.

“O ambiente geral da sala deve resultar agradável e altamente estimulante, utilizando as paredes como expositores permanentes das produções das crianças, onde rotativamente se revêem nas suas obras de desenho, pintura ” (Niza, 2012, p.200)

“O educador tem de aceitar a criança como pessoa, ouvindo-a e valorizando-a e deve também ajudá-la a comunicar com o grupo encorajando-a a ouvir os outros e a apresentar as suas experiências no contexto do grupo.” (Folque, 2012, p.56)

Ao educador cabe-lhe a tarefa de orientar atividades, sem as impor, indo ao encontro das expectativas, ideias e necessidades do grupo, para que sejam feitas com o máximo prazer possível de forma a produzirem aprendizagens. O educador deve ter um papel de facilitador da aquisição de aprendizagens e não de detentor do saber.

Olhar, ver e escutar crianças quando estão envolvidas em atividades sozinhas, com pares ou com o apoio do educador torna possível obter descrições ricas sobre o que as crianças fazem e quais as suas potencialidades.

“(...) partir dos interesses das crianças e das experiências educativas que são proporcionadas pelo educador, ou pelo contexto escolar ou comunitário.” (Folque, 2012, p.57)

Esta metodologia possibilita um maior e mais próximo trabalho com a comunidade e a família.

“(...) muitas vezes, o professor esquece-se de que, quando a criança entra na escola, já sabe muitas coisas. O professor pressupõe que a criança nada sabe... o professor deve aproveitar tudo o que a criança sabe e usá-la como ponto de partida para aumentar o seu conhecimento ou construir novos conhecimentos (...)” (Folque, 2012, p.54)

Desta forma, a educação é concebida como um espaço/tempo no qual a criança constrói e se constrói pelas inter-relações que estabelece.

4.3. Relação creche / família

“A família é um dos contextos mais importantes do mundo ecológico da criança, pois é através dela que a criança é apresentada ao mundo ao seu redor. Sendo a creche um dos contextos onde um número bastante expressivo de crianças pequenas passa grande parte do seu tempo, a qualidade dos seus serviços e o atendimento às comunidades carentes são, cada vez mais, tópico de discussão”. (Epstein, 1987)

A importância do envolvimento dos pais nesta fase é auto-explicativa: família e escola/creche, juntas, podem promover situações complementares e significativas de aprendizagem e convivência que realmente vão de encontro às necessidades e demandas das crianças e de ambos os agentes educativos. Apesar de haver diferenças entre as obrigações da família e da escola, há também responsabilidades e objetivos comuns entre elas relativamente à educação e socialização das crianças (Epstein, 1987; Haddad, 1987).

Os contactos diários entre educadores de infância e famílias geram um tipo de relacionamento próprio e muito especial, pois é necessário que os pais confiem nos profissionais a quem deixam os seus filhos num momento em que estes ainda não verbalizam o que se passa na creche e/ou o modo como são tratados. É fundamental a creche oferecer um atendimento de qualidade a crianças e famílias. Para isso é indispensável uma relação/comunicação próxima entre os adultos da creche e as famílias.

Para Reis (2008) é urgente e cada vez mais necessário que exista esta relação de proximidade. Esta construção da proximidade deve começar o mais cedo possível e cabe ao educador de infância promovê-la criando um bom ambiente entre a instituição e os pais.

Homem (2002) afirma que “(...) a família constitui a primeira instância educativa do indivíduo. É o ambiente onde este desperta para a vida como pessoa, onde interioriza valores, atitudes e papéis (...)”.

Segundo Simões (2009) “a importância do papel da família não pode ser minimizada”, pois “a família sabe (ou deveria saber) melhor do que ninguém as dificuldades e necessidades que a criança sente, pois tem um conhecimento único e global da criança”.

No último século encontramos diferentes mudanças a vários níveis na estrutura familiar, tal como refere Canavarro, Pereira e Pascoal (2001): maior urbanização e isolamento da família nuclear, emancipação da mulher e o seu acesso ao mundo de trabalho, que veio provocar mudanças nos papéis tradicionais e no funcionamento da família, adiamento do casamento e do primeiro filho, maior esperança de vida e maior número de idosos, maior número de divórcios, possibilidade de escolha – com quem casar, onde viver, quantas crianças ter, etc.

Perante isto o Educador deve estar atento a estas modificações e ser um agente promotor de estímulos que permitam o envolvimento parental. Se a creche é o prolongamento do lar, não faz sentido que as famílias não sejam participantes ativos neste contexto e nas conquistas

diárias dos filhos. O Educador tem a obrigação de encontrar estratégias para envolver a família.

A Creche tem, então, de ser um local aberto às famílias - é importante para estas, conhecerem melhor o espaço onde o seu educando passa tantas horas, conhecer os amigos, o pessoal docente e não docente.

Marques (2001) considera que “as crianças cujos pais se envolvem na escola e na educação têm vantagens em relação às restantes” e Silva (2003) refere que “(...) por envolvimento entende-se geralmente o apoio direto das famílias aos seus educandos. O apoio assume uma base individual e o seu objeto tem um rosto. O espaço privilegiado é a casa, embora a possa extravasar (ida a reuniões da escola, etc)”. Para Canavarro et al. (2001) “Quando a escola e a família mantêm uma relação de colaboração, as regras dos dois ambientes educativos são congruentes, os pais envolvem-se mais no percurso escolar dos filhos e o aluno percebe uma maior continuidade entre os objetivos da escola e dos seus familiares.”

Para Diogo (1998), Marques (1991) e Reis (2008) envolvimento dos pais é uma variável importante na eficiência e na melhoria da qualidade de ensino. Canavarro et al. (2001) acrescentam que “(...) numa escola com mais recursos humanos, com mais valências, existe uma maior partilha de responsabilidades e um maior dinamismo. Por exemplo, os pais podem contribuir diretamente para tornar o espaço físico da escola mais agradável, arranjando materiais e fornecendo mão-de-obra (jardinagem, pintura, carpintaria) para o melhoramento do espaço escola”.

Quanto melhor for a ideia que as famílias têm da escola mais a criança se vai sentir em segurança, o que o ajudará no seu crescimento e a aceitar melhor a separação da família.

Todos os intervenientes ganham com esta relação, ou seja, toda a sociedade beneficia das vantagens da relação escola/família.

Canavarro et al (2001) afirmam que “A participação dos pais na escola, e nomeadamente dos pais de menor estatuto socioeconómico, contribui para a construção de uma sociedade mais democrática e para uma menor desigualdade social.”

Quando a família confia nas instituições tudo será mais fácil. Todos os intervenientes podem aprender com este facto. Cabe ao educador contribuir para que todas as crianças tenham as mesmas oportunidades.

4.4. A creche e o meio envolvente

Considerando que o mundo se vai alargando gradualmente, à medida que a criança nasce, devemos pensar os espaços físicos que a criança utiliza na creche e fora dela, de acordo com as idades.

Os bebés ganharão mais em se sentir seguros no espaço sala e poder usufruir dos espaços exteriores da creche, sempre em estreita ligação com os adultos que ainda servem de mediador para a exploração do mundo a crianças sem a marcha adquirida.

Com a aquisição da marcha, o mundo alarga-se e a criança já o pode explorar de forma mais autónoma, podendo fazer as suas escolhas conforme as suas curiosidades, e estando pronta para adquirir conceitos através do corpo e da sua relação com objetos e espaços.

Quando o sentimento de segurança no espaço e nos adultos da creche está assegurado, a saída da sala para o exterior traz um número de experiências que complementam o trabalho feito dentro de portas. Saídas simples ao meio envolvente, às ruas, às lojas, aos jardins, ou a locais de cultura como museus e teatros, em grande grupo ou em grupos mais pequenos, constituem-se como oportunidades para trabalhar muitas áreas de desenvolvimento.

Ao sair da creche, desperta-se a curiosidade para o meio envolvente, desenvolve-se a autonomia, nomeadamente as normas básicas de segurança, desenvolvem-se capacidades de escutar e observar, fomentam-se comportamentos de apoio e entreaajuda. Também na linguagem se pode desenvolver o vocabulário, a descrição de acontecimentos, a exploração de diferentes situações de comunicação e podem-se fazer registos gráficos do que foi vivido e observado. As noções de tamanho, espaço, quantidade, orientação espacial e temporal também ganham com experiências diferentes das de sala de creche. Para além de tudo isto, todos os elementos físicos, sociais, geográficos, etc. que podem ser diretamente observados em saídas ao exterior, com a orientação do educador, acrescentam às vivências de crianças destas idades.

Os pais da creche João Katz referem as atividades ao ar livre e o sair da creche em 3º lugar no tipo de atividades que esperam que aconteça em creche.

4.5. A avaliação

A avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa e implica princípios e procedimentos adequados às suas especificidades.

O educador planifica, organiza e avalia o ambiente educativo, bem como as atividades com as crianças, com vista à construção de aprendizagens integradas.

A organização do ambiente, como suporte ao trabalho educativo e da sua intencionalidade, compreende a organização do grupo, do espaço e do tempo, a relação com os pais e outros parceiros educativos.

A avaliação na Creche assume uma dimensão formativa. A avaliação formativa é um processo integrado que implica o desenvolvimento de estratégias de intervenção adequadas às características de cada criança e do grupo, incide sobre os processos, entendidos numa perspetiva de construção progressiva de competências e de regulação da ação. Avaliar assenta na observação contínua dos progressos da criança, indispensável para a recolha de informação relevante, como forma de apoiar e sustentar a planificação e o reajustamento da ação educativa.

De forma a envolver os pais no percurso de desenvolvimento das crianças, é feita uma descrição de cada criança, das competências adquiridas e da forma de estar em creche. É um momento em que os pais podem ter uma informação sobre os seus filhos, do ponto de vista dos técnicos de educação, algo que os pais da creche João Katz também referiram como uma vantagem de ter os seus filhos em creche (em anexo).